

PARA UMA PANDEMIA, UM REPERTÓRIO DE FEITIÇO. SILÊNCIO! O VELHO¹ É O DONO DO MUNDO.

Carla Ramos²
UFOPA

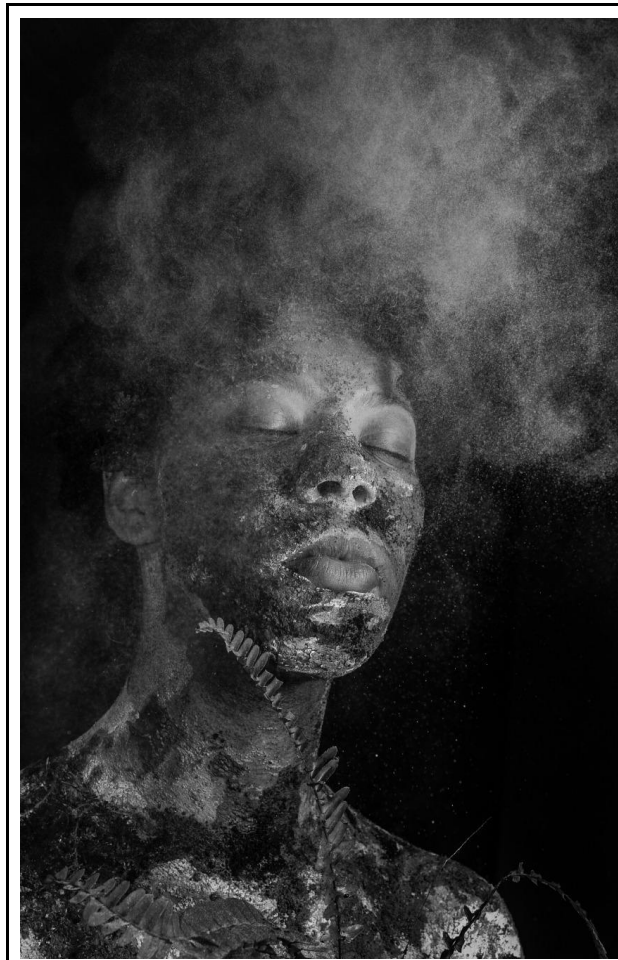


Foto: Ismael Silva³. Salvador, 2020.

¹ Essa é a maneira respeitosa como costumamos chamar o Orixá “Omolu”, ou o Vodum “Azansu.” Em respeito ao que esse Vodum representa, o dono do mundo, tratamos de chamá-lo pelo nome somente nos momentos em que somos autorizadas a fazê-lo dessa maneira.

² Email: carlaramos@utexas.edu

³ Ismael Silva é um fotógrafo de Salvador, Bahia. Eu agradeço muito pelo carinho de ter me autorizado a usar uma das suas fotografias que figura numa coleção recente e premiada. Ismael Silva é um dos grande fotógrafos negros da contemporaneidade. Gratidão, meu amigo querido.

Resumo

O presente artigo traz alguns trechos de um depoimento que começou a ser elaborado bem no final do mês de março (2020), depois do anúncio da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que estávamos enfrentando uma pandemia de Covid-19. Eu sou coordenadora de um curso de graduação, sou mulher negra, sapatão e macumbeira que vive na amazônia, na cidade de Santarém, no Pará, desde 2011. A primeira parte deste texto narra alguns episódios de como a universidade onde eu trabalho recebeu as notícias da pandemia e foi paulatinamente, por força de uma atuação incisiva de muitos colegas docentes, técnicas administrativas e discentes, fechando as portas e impedindo que as atividades presenciais continuassem a despeito de orientações mais erráticas de alguns setores da instituição. O que se passa é uma descrição auto-etn(Ori)gráfica e análise de como nós mulheres negras que atuamos desde dentro das universidades públicas no país colocamos o nosso repertório de ação política para a proteção das nossas comunidades. Para pensar sobre que tipo de política é esta que fazemos, eu trago algumas ferramentas analíticas presentes e em operação no interior de algumas concepções filosóficas das comunidades tradicionais de Terreiro. A este respeito eu vou utilizar as noções que definem o que são os Exus nomeados como *Lalu* e *Gelu* para nos ajudar a descrever e refletir sobre o que nós mulheres negras professoras estamos fazendo neste momento cheio de perigos trazidos pela pandemia Covid-19, e pela “política de morte em série” que tem sido conduzida pelo governo Federal.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Pandemia. Epistemologias de Terreiro.

Abstract

This article presents a testimony that began to be prepared at the end of March (2020) after the announcement by the World Health Organization (WHO) that we were facing a Covid-19 pandemic. I am the chief of the department of an undergraduate course, I am a black woman, lesbian and ‘macumbeira’, who has lived in the Amazon, in the city of Santarém, in Pará, since 2011. The first part of this paper recounts some episodes of

how the university where I work received the news of the pandemic and it was gradually, due to the incisive performance of many other professors, the staff and students, closing the doors and preventing the face-to-face activities to continue despite more erratic guidelines from some sectors of the institution. What is happening is a auto-etn(Ori)graphy⁴ notes and analysis of how we black women who have worked in public universities in the country put our political action repertoire to protect our Black communities. In order to think about what kind of anti-racist actions we have done, I bring some analytical tools that have been located within some philosophical conceptions of the traditional communities of Terreiro. In this regard, I will use the notions that define what the 'Exus' named *Lalu* and *Gelu* to help us to describe about what we as Black women professors have been doing at this moment full of dangers brought by the Covid-19 pandemic, as well as the "serial death policy" that has been conducted by the Federal government in Brazil.

Keywords: Black Women. COVID-19. Spiritual Epistemologies.

Introdução

O presente artigo traz alguns trechos de um depoimento que começou a ser elaborado bem no final do mês de março (2020) depois do anúncio da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que estávamos enfrentando uma pandemia de Covid-19. Eu sou coordenadora de um curso de graduação, sou mulher negra, sapatão e macumbeira que vive na amazônia, na cidade de Santarém, no Pará, desde 2011. A primeira parte deste texto narra alguns episódios de como a universidade onde eu trabalho recebeu as notícias da pandemia e foi paulatinamente, por força de uma atuação incisiva de muitos colegas docentes, técnicas administrativas e discentes, fechando as portas e impedindo

⁴ Essa tese-hipótese é desenvolvida na minha tese de doutorado que foi apresentada na Universidade do Texas no primeiro semestre de 2019. É um debate que diz mais respeito ao campo da antropologia e seus métodos, modelos analíticos e escrita. Etno(Ori)grafia é um método de pesquisa e uma técnica de escrita que não chega a partir de uma visão secular, é uma descrição que está baseada num olhar de *Ori*. É um tipo de descrição e de produção de conhecimento que está atravessado pelas reações do corpo com as energias de momentos específicos no trabalho de campo. Para esse debate ver Moura & Ramos (2017) e Ramos (2019).

que as atividades presenciais continuassem a despeito de orientações mais erráticas de alguns setores da instituição. Eu aproveito a reflexão sobre o que se passa conosco neste desafio colocado pelas consequências econômicas e políticas da pandemia de Covid-19, para identificar em nosso acervo de trajetórias de mulheres negras intelectuais, porque os “nossos passos vêm de longe⁵”, o modo como temos elaborado o nosso Feitiço, que é compreendido aqui como tecnologia política anti-racista por natureza. Em meu trabalho de doutoramento, a tese defendida tem o objetivo de descrever alguns aspectos desse “modo de fazer” e modo de manipular a realidade a nosso favor e da nossa comunidade, que é nomeada para fins analíticos como *Feitiço*⁶. Nisso, essa noção serve para interpretar outras dimensões da ação empreendida por mulheres negras, especialmente aquelas que estão na academia, que as categorias de análise da ciência política branca e eurocentrada se mostra limitada para explicar ou descrever os “termos negros” de fazer política (Davies, 2013; Robinson, 2016).

Nas seções que seguem temos os três primeiros “feitiços” descrevendo um pouco da situação que enfrentamos, que eu enfrentei na universidade tão logo soubemos do anúncio da Organização Mundial da Saúde (OMS) confirmando que estávamos numa pandemia e todo o esforço envolvendo a suspensão das atividades presenciais e o verdadeiro sistema de “cuidados” de relações de proximidade, afeto e atenção à comunidade dentro e fora da universidade que tivemos que criar. O Feitiço n. 4 é um observação de como as nossas mais velhas, neste caso, como intelectuais negras da importância de Ana Célia Silva, abriu as portas e nos ensinou muitas maneiras de estar e agir desde dentro da universidade pública no Brasil. Esse dado de rememoração, ou seja, de trazer para junto de nossos processos de produção as referências de outras intelectuais negras, representa para nós uma importante ferramenta de luta política,

⁵ Esta é uma insígnia muito utilizada por nós mulheres negras para marcar a importância da nossa história política na diáspora africana. Eu tive contato com esta frase a partir da leitura do artigo de Jurema Werneck (2014) “Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo”. **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Criola, 2014.** E ainda há a importante obra organizada por Jurema Werneck, Maisa Mendonça e Evelyn C White: **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** 2000.

⁶ “The idea of *Feitiço* could help us to understand other dimensions of our activities as scholars and activists, at least some of us, that have used it as a tool or political technology of manipulation of reality in the present, in the past, and into the future. I consider the notion of a *Feitiço* as a technology of resistance and transformation of social reality, that is transmitted and performed by Black women in different ways, and for various purposes.” (Ramos, 2019, p.162)

mas não somente. Essa “memória” dos nossos passos que “vêm de longe” nos traz um conjunto amplo de reflexões sociológicas sobre, por exemplo, como a política negra tem sido imaginada, experimentada, performada e transmitida ao longo de gerações nos diferentes pontos da diáspora africana. No modelo de análise que trabalho para localizar alguns pontos da trajetória de Ana Célia Silva nessa tecitura que muitas de nós (James, 1993; Perry, 2013; Rocha, 2011; Santos, 2007; Smith, 2016; Soares, 2015; Tinsley, 2018) têm classificado como história política de mulheres negras, especialmente aquela que toca a nossa ação na universidade, eu utilizo a definição de três qualidades que descrevem a utilidade de um determinado tipo de Exu quando se precisa articular certa ação de manipulação da realidade a nosso favor, digamos assim. São três as noções que servem para descrever, ao menos por hipótese, a trajetória de Ana Célia Silva: *Brakelu*, *Lalu* e *Gelu*. Cada uma destas propõe um determinado tipo de ação de intervenção no mundo com consequência diretamente ligada à manutenção da vida e às nossas possibilidades de trânsito, desenvolvimento e atuação direta de alteração do que se passa e está colocado contra nós na vida social. Sendo assim, *Brakelu* é aquela a força que abre, quebra as portas, numa perspectiva de compreensão do que estamos realizando na universidade brasileira, como intelectuais negras e negros, comprometidos com processos variados e amplos de transformação social.

E, por fim, uma pedagogia espiritual (*spiritual pedagogies*⁷), traz elementos para pensarmos como estamos experienciando o trabalho, e parte do nosso ativismo político anti-racista, anti-trans homofobia e contra-colonização⁸, desde o interior dessa academia branca brasileira. O texto carrega algumas palavras, conceitos e noções sobre as quais não vou me preocupar em explicar os sentidos nem no corpo do artigo e muito menos em qualquer nota de rodapé. Para este vocabulário que carrega referências diretas a repertórios de comunidades tradicionais de terreiro, vai saber ler, ao menos no limites do que eu deixar exposto aqui, quem domina esse acervo linguístico e

⁷ *Spiritual Pedagogies* é uma categoria de classificação que tenta dar conta de identificar um conjunto de reflexões e práticas que são próprias dos acervos epistemológicos de comunidades tradicionais de Terreiro. Tal categoria está em diálogo com as teses de Jacqui Alexander (2005) sobre a sacralidade radical da sala de aula nos processos de luta política negra, tal como ela elabora em seu livro *Pedagogies of Crossing: Meditations on Feminism, Sexual Politics, Memory, and the Sacred*.

⁸ O conceito como definido por Antonio Bispo dos Santos em *Colonização, Quilombos: Modos e Significações*. Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

epistemológico. Esse fator de inconclusão e de produção intencional de uma certa “opacidade”⁹, muito parecido com o efeito produzido pela fumaça do cigarro que transmuta, esconde e ‘opaciona’ as feições do *Marujo* ou da *Pombagira* numa noite de festividades em qualquer casa espírita ou terreiro pelo país a fora. No artigo que segue, a produção de alguma opacidade é, como disse anteriormente, deliberada. Não tomem esta “fumaça” como impossibilidade de compreensão.

Feitiço n. 01 - O meu *Marujo* disse que eu tenho que pedir é pra ele!

O povo, medroso do contágio pelo contato com os mortos, largava os corpos em qualquer parte: na porta das igrejas, dos cemitérios, nos becos (...) O fato é que o caos estava instaurado. Famílias inteiras fugiam para Salvador e muitos morriam na viagem. Crianças desembarcavam órfãs na capital da província. Diante de tal quadro, os senhores de engenho estavam igualmente mal parados. Logo outro medo começou a rondar: revolta de escravos. (Cruz, 2018, p. 53. *Água de Barrela*)

Naquele dia 10 de março, pela manhã, cheguei cedinho na universidade, seria o primeiro dia da programação de recepção de calouros do nosso Curso, e a primeira vez que eu receberia os novos discentes de antropologia como coordenadora. Ao longo da semana nós tivemos dias com muitas atividades que foram organizadas por docentes e pelos discentes do Centro Acadêmico (C.A Luana Kumaruara¹⁰). Nas rodas de conversa, dinâmicas de grupo, palestras e informativos variados sobre o curso conseguimos reunir um grupo grande e coeso de alunos calouros e veteranos num ambiente de confiança

⁹ Não nos termos diretos de Édouard Glissant, mas provocada pela imagem-ideia que ele descreve em *Poetics of Relation*. University of Michigan Press, 1997.

¹⁰ O Centro Acadêmico Luana Kumaruara dos estudantes de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). O nome do centro acadêmico faz uma homenagem à intelectual indígena Luana Kumaruara, que foi estudante de graduação do curso, e no momento faz o seu mestrado na Universidade Federal do Pará (UFPA). Eu tive a alegria de ser professora de Luana durante a sua graduação, e sigo admiradora do seu trabalho e da genialidade de tudo que ela tem realizado, dentro e fora da academia; sem dúvida alguma, Luana Kumaruara é uma das principais intelectuais e lideranças políticas indígenas do país na atualidade.

mútua e segurança para as nossas expressões de afeto. Na terça-feira, dia 10 de março, tivemos a abertura da Semana de Calouros, numa sala de aula lotada onde acomodamos cerca de 70 pessoas para as nossas primeiras apresentações. Na quarta-feira, dia 11 de março, a programação contava com a participação direta do nosso CA, demais movimentos como do Diretório Acadêmico Indígena (DAIN), o Coletivo de Estudantes Quilombolas (CQE), e o Coletivo de Estudantes Negros Alessandra Caripuna.

No dia seguinte, teríamos uma roda de conversa com ex-alunos do programa de Antropologia e Arqueologia, que agora são doutorandos, e uma delas em particular, é professora substituta no mesmo curso em que se formou anos atrás na UFOPA, a prof. Beatriz Moura. O evento começaria na parte da tarde. Eu saí de casa um pouco atrasada, e há poucos metros depois de sair da garagem, num cruzamento de ruas pouco movimentado, o meu carro foi atingido por um caminhão de entrega de materiais de construção que, na falta dos freios, veio parar numa das portas laterais do carro, bem ao lado do assento do carona, que graças aos Orixás, estava vazio; eu seguia sozinha para a universidade naquele dia. Foi um susto grande, mas ninguém se machucou, e depois de alguns minutos perdidos numa discussão que terminou em nenhuma resolução concreta, eu entrei no carro que agora tinha a porta empenada, e fui para a atividade que àquela hora já estava perto do encerramento.

Eu subestimei os efeitos do acidente, cheguei sem ar na sala de aula onde tinha terminado a palestra da Bia, e vi a sala mais uma vez lotada, que era um espaço sem janela alguma, climatizada por um ar condicionado, com uma porta pequena e apertada na entrada, apenas isso. Na mesma hora, eu entrei ali e ainda esbaforida pelo efeito do acidente, disse para turma que ninguém ali deveria ficar tão perto uns dos outros, e deveríamos evitar abraços e mais aproximação por causa da epidemia. Eu abri a porta, e repeti para uma turma que me olhava num misto de surpresa e estranhamento, que a porta ficaria aberta dali em diante por causa dos riscos do Coronavírus, e que nós nem deveríamos estar mais ali, num evento com aglomeração. Na sexta-feira, dia 13, eu já não consegui ir à universidade por causa das dores no corpo que sentia em razão do acidente de carro no dia anterior. Mas ainda assim, eu acompanhei por telefone e mensagens de whatsapp as atividades de encerramento das atividades da Semana de Recepção dos Calouros no seu momento de finalização.

Na mesma sexta-feira já no final da tarde e, depois de muito insistir, eu consegui, junto com outros colegas que engajaram no debate, com que o diretor do instituto marcasse uma reunião do Conselho Universitário em caráter de emergência para que a gente tomasse alguma decisão em relação à suspensão das aulas por causa do avanço da pandemia que se alastrava pelo país, e que passaríamos a chamar de Covid-19. Na semana do dia 16 de Março, segunda-feira, o semestre letivo iria começar, e como é que faríamos para receber os estudantes e colegas técnicos e professores sem estrutura adequada para que todos estivessem com um mínimo de segurança? Eu não dormi bem na noite de domingo, véspera do início das aulas do curso e de todo o Instituto (ICS), mas até ali eu só sabia que tomaria uma decisão unilateral se fosse necessário, e iria suspender todas as atividades do curso de antropologia.

Nas frequentes mensagens de whatsapp que os membros do Conselho do Instituto trocavam, eu manifestava muita preocupação desde o dia 13 de março, como na solicitação a seguir:

[Mensagem] Prezados, já temos algumas universidades do país limitando atividades por causa do coronavírus. Acho que seria o caso de iniciarmos algo no ICS, não acham? Precisamos pensar num plano para o instituto¹¹.

Ainda no dia 13 de Março, a Reitoria emitiu uma nota à comunidade Universitária que dizia o seguinte a respeito da pandemia:

“NOTA DA UFOPA SOBRE COVID-19 (CORONAVÍRUS)

A Universidade Federal do Oeste do Pará une-se aos esforços de prevenção e combate à COVID-19 e informa à Comunidade Acadêmica que está tomando medidas no sentido de preservar a saúde de servidores e estudantes:

1. Tendo em vista que, até este dia 13 de março de 2020, não há casos confirmados do vírus no estado do Pará, serão mantidas as aulas de graduação e de pós-graduação. Se este cenário for modificado, as aulas podem vir a ser suspensas, o que será avaliado pela Equipe de Saúde da Instituição após consulta aos órgãos de saúde do município e do estado;
2. Será mantido o funcionamento do Restaurante Universitário. Recomenda-se que os usuários observem as orientações do Ministério da Saúde e as informações institucionais emitidas por médica perita da Ufopa, em anexo;
3. Recomenda-se avaliação sobre a manutenção de realização de eventos já programados, tendo em vista evitar aglomeração de pessoas em ambientes fechados ou com pouca circulação de ar;

¹¹ Trecho de mensagem de texto recebida no grupo de Whatsapp no dia 13 de março de 2020.

4. Sugere-se revisão de viagens internacionais, particularmente para os países nos quais há confirmação de mortes pelo coronavírus. Se o servidor optar por cancelar a viagem e se esta estava prevista em período de férias, a equipe da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) está à disposição para orientações sobre a interrupção das férias;

5. Os servidores afastados ou em gozo de férias deverão manter informadas as chefias sobre as localidades em que estiveram em data anterior ao retorno ao trabalho. Se a localidade tiver sido reconhecida como área de risco, caberá à chefia informar à Progep, que orientará sobre os procedimentos a ser tomados;

6. Se um estudante retornar de uma viagem de uma área de risco de contaminação pelo coronavírus, deverá informar imediatamente a coordenação do curso, que em conjunto com a Proen definirá os procedimentos a ser adotados;

7. Nos casos em que um servidor ou estudante manifestar os sintomas da síndrome gripal, como febre, dor no corpo ou tosse, este deverá procurar imediatamente os serviços públicos de saúde, adotar os procedimentos indicados pelos órgãos de saúde e comunicar imediatamente à Instituição, na sua unidade de lotação ou no curso, pelos meios de comunicação digital.

A instituição recomenda seriedade no que tange às orientações de prevenção emitidas pelos órgãos de saúde pública do país e as emitidas pelas autoridades estrangeiras. Solicita ainda serenidade no combate à COVID-19 e conclama a comunidade para que não divulgue notícias falsas ou outras informações que comprometam o esforço coletivo de prevenção ao coronavírus, que alcançou status de pandemia.

Santarém, PA, 13 de março de 2020¹².

Feitiço n.02 - E o meu fio de conta de Yemanjá¹³ ...

“O cólera tinha chegado ao sobrado dos Tosta e nenhum título ou ordem do Barão tinha poderes para aplacar a fatalidade.” (Cruz, 2018, p. 61. *Água de Barrela*)

Na sequências desta nota, eu expressei a minha preocupação diante das recomendações colocadas ali, e o que mais me preocupou foi a indicação de que deveríamos preferir lugares “arejados” em nossas atividades docentes, e também

¹² Essa nota foi enviada e assinada pela reitora em exercício da Universidade Federal do Oeste do Pará, profa. Dra. Aldenize Ruela Xavier.

¹³ Yemanjá é o Orixá que é a dona dos mares e dos rios, e protetora de todas as cabeças.

administrativas. Tínhamos um contexto muito particular no nosso instituto que estava instalado num espaço alugado de um hotel, e que a nossa ocupação se deu em geral em salas sem janelas, com condicionamento de ar feito artificialmente, e o mesmo se dava com a maior parte das salas dos setores administrativos. Enquanto a administração superior da universidade dava início à tentativa de se fazer uma leitura do contexto da pandemia para orientar a sua comunidade, era patente que o nosso instituto já não oferecia condições para as nossas atividades presenciais, e por isso tudo indicava que seria o caso de tomarmos a dianteira no processo e decidir pela suspensão das aulas e alterar a dinâmica de todo o trabalho administrativo, já recomendando o trabalho remoto.

No dia 16 de Março eu cheguei aflita à reunião do colegiado do instituto, a pauta foi, por assim dizer, genérica, mas estávamos ali para conversar e trocar informações do que estava acontecendo no país depois dos primeiros casos da Covid-19 e do que se passava em outros países do mundo. Até aquele momento, a China ainda era o epicentro da crise. Depois de alguns informes, eu apresentei as minhas preocupações e disse aos colegas que a proposta era interromper as aulas imediatamente. Estávamos, cada uma a sua maneira, todas já muito impactados pelo cenário que se fazia ver no horizonte, e faltava repertório para qualquer definição que pudesse nos dar a certeza de que qualquer ação tomada ali seria realmente a mais acertada. Como eu disse há algumas linhas atrás, eu estava determinada a convencer as colegas de que deveríamos suspender todas as atividades presenciais imediatamente, mas não foi o resultado naquele momento.

Daquela reunião que não durou mais do que uma hora, e mesmo com a indicação de que iríamos suspender aulas e reduzir o expediente administrativo ao que fosse realmente essencial, eu comuniquei que iria suspender imediatamente as aulas do curso de antropologia, principalmente, das turmas novas porque nestas as salas estavam lotadas. Salas com cerca de 50 alunos, uma porta de entrada estreita e nenhuma janela, tornava-se um lugar perigoso. A reunião do Conselho determinou suspensão das aulas por 15 dias a partir do dia 18 de Março, mas naquele mesmo dia, e com a total compreensão dos meus colegas docentes do curso, fui de sala em sala liberando todos os estudantes e os seus professores e recomendando isolamento social imediato para

todo nós. Os alunos de primeiro período estavam acompanhando as suas aulas inaugurais na universidade, eu ainda sinto o coração apertar de ter sido portadora daquelas notícias; eu não poderia saber, mas aquele era o prenúncio de um caminho árduo que ainda teríamos que atravessar com a presença crescente da Covid-19 no Brasil. Mais tarde, ao norte do país, os estados do Amazonas, Pará e Amapá figuraram a liderança de uma terrível estatística de mortes, com imagens que circularam por semanas de covas coletivas e corpos sendo guardados em caminhões frigoríficos estacionados na porta dos hospitais.

Naquele momento não poderíamos saber disso e, eu estava agindo com base no que lia na imprensa internacional, mas eu seguia sobretudo a minha intuição de que as ações deveriam ser tomadas mais do que imediatamente, caso contrário, e pela composição do nosso corpo discente com grande participação de estudantes indígenas, quilombolas, e que vinham das muitas comunidades ribeirinhas da várzea do Amazonas. Esses discentes têm caminhos de circulação que cruzam territórios que estão distantes da sede da universidade por horas de viagem pelo rio, ou por quilômetros de estrada. Por isso, se mantivéssemos qualquer atividade da universidade em funcionamento, poderíamos ter imposto um risco altíssimo de contágio no momento em que os nossos alunos voltassem para casa. Mas ali, ainda estávamos no “longínquo” mês de março, os maiores desafios ainda estavam/estão por se apresentar.

Feitiço n.03 - Onde está o meu fio de conta de Ogun¹⁴?

“Tudo aquilo ocorria logo naquele momento que, finalmente, prometia bons ventos, pois o açúcar estava bem cotado no mercado internacional. O que ninguém esperava era que uma epidemia quase dizimasse a mão de obra, botando por água abaixo as esperanças de lucro dos senhores. É bom não esquecer que, cinco anos antes, em 1850, o tráfico fora proibido, logo, renovar o braço escravo não era mais tão simples.” (Cruz, 2018, p. 52. *Água de Barrela*)

¹⁴ De maneira mais ampla, Ogum é o Orixá considerado o deus da agricultura, da tecnologia e da guerra.

A universidade suspendeu o seu calendário acadêmico da graduação no dia 03 de abril, depois de uma longa reunião extraordinária do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consep). Durante mais de cinco horas de uma exaustiva discussão, o Consep decidiu pela suspensão de todas as atividades presenciais e remotas. Para chegar a esta decisão, foram dias intensos de muita angústia causada pelas mudanças abruptas do nosso cotidiano provocadas pela pandemia da Covid-19, e de um trabalho extenuante que eu experimentei na coordenação do curso. A minha vida e a da minha companheira sofreram alterações profundas. De um dia para o outro nós tivemos que fechar a nossa casa em Santarém e seguir viagem para Salvador, para que assim ficássemos mais perto das nossas famílias, que estão na Bahia e no Rio de Janeiro.

As atividades remotas da rotina administrativa na universidade aumentaram consideravelmente, e em muitos dias eu cheguei mesmo a pegar turnos de trabalho de 12 horas, com intervalos curtos para as refeições. Para cada frente que havia para resolver mais diretamente na coordenação do curso, eu me envolvia em dezenas de outras que iam desde enviar mensagens de email e whatsapp para o maior número possível de discentes para conseguir notícias de como estavam, até monitorar alguns dos docentes do curso que foram pegos de surpresa em pleno trabalho de campo em lugares remotos, de difícil acesso, informação e deslocamento. Essa rotina de ligações e mensagens por aplicativos se tornou uma espécie de “monitoramento” da condição de saúde e de cuidado com eles, e com as suas respectivas famílias. Eu fiz isso, todos os dias, durante dois meses inteiros, até que eu consegui encontrar algum equilíbrio, assim como os estudantes entraram num outro ritmo diante da situação que havia nos atropelado tão repentinamente.

O nível de stress que eu passei foi tão alto que eu tenho dificuldade, mesmo hoje, passados quase três meses, para elaborar parte do relato que deixo aqui registrado. E, se do “lado de fora”, o fronte da universidade me exigia um esforço fora do comum, “dentro de casa”, a nossa dedicação para nos adaptarmos ao que se passava e nos atingia, se transformou numa busca até que entendêssemos o que tínhamos em nossos próprios balaios; fomos levadas a reconhecer que sabíamos algo excepcional para lidar com a excepcionalidade das circunstâncias tal como estas se apresentavam. E, foi dessa

maneira que lembramos que nós duas, iniciadas numa religião de matriz africana, ambas mulheres de Candomblé, tínhamos sido ensinadas sobre uma tecnologia política ímpar, que é o resguardo de longa duração que é exigido de um *lyawo*¹⁵.

Portanto, tomar a doença como um aspecto histórico da sociedade, como nos ensina a historiadora e arqueóloga negra Luciana de Castro Nunes Novaes, é reconhecer que também dentro dos nossos repertórios socioculturais há recursos para lidar com períodos onde pandemias e endemias marcaram a experiência do povo negro, e não somente este. A intelectual negra e quilombola Elionice Sacramento nos fez lembrar das biotecnologias e cuidados sanitários que a comunidade negra sempre utilizou em momentos de epidemias e endemias que assolaram todo o período colonial no Brasil, como a gripe, a varíola, a febre amarela, o cólera e outras tantas pestes que dizimaram grandes contingentes da população indígena, africana e negra escrava (Carina, 2010).

No último dia 2 de Julho, numa outra reunião que durou mais de seis horas, repetição de tantos outros debates longuíssimos organizados e conduzidos por homens, o conselho universitário¹⁶ deliberou pela instituição de um “período letivo especial” que deverá ser oferecido em caráter experimental de maneira remota para discentes em período de conclusão dos seus cursos de graduação e oferta de tutorias. Os homens (quase) brancos da universidade, realizando o sonho assombroso de tentar impor qualquer lampejo de normalidade num ambiente marcado cotidianamente pela excepcionalidade - palavra que tenho retomado ao longo deste texto - e, enquanto isso, no meu telefone, discentes perdendo pais, mães, irmão, docentes caindo doentes de Covid ou pelo sofrimento psíquico causado pela pandemia. Assim eu vou me equilibrando, mas tem dias que eu caio, e caio fundo.

Algum tempo depois, com o período letivo especial (PLE) já em funcionamento, recebemos uma minuta para consulta pública de uma instrução normativa que: “Dispõe sobre as medidas de prevenção ao Coronavírus após o retorno das atividades administrativas presenciais nas Unidades Administrativas e Acadêmicas da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).” Entre outras medidas, a instrução normativa o

¹⁵ O “resguardo” faz parte do complexo iniciático das comunidades tradicionais de terreiros de todas as nações conhecidas no Brasil.

¹⁶ Conselho Superior de Ensino, pesquisa e Extensão (Consepe) e Conselho Superior de Administração (Consad).

cumprimento das nossas jornadas de trabalho nas modalidades remota e presencial. Estamos atravessando uma pandemia, com mais de 80 mil mortos, na data de submissão deste artigo, e cerca de 2 milhões¹⁷ de infectados por todo o país. Mas essa conjuntura perigosa e letal se amplia rapidamente, e mesmo assim, estados e municípios seguem “flexibilizando” e banalizando a necessidade do isolamento social e demais medidas preventivas que tem se mostrado eficazes em outras partes do mundo, mas este é um outro debate complexo. O momento é de manter a “porteira” fechada, por isso, a metodologia política é de *Gelu*, aquele Exu responsável por manter as portas fechadas, neste caso, para o avanço desse desejo por corpos mortos que tomou conta de muitos setores da sociedade brasileira.

Um dos impactos da pandemia e covid 19 sobre a minha vida foi ativar a minha memória, que é um elemento radical de luta política, como tem defendido as autoras do feminismo negro. “Lembrar-se” no meio de uma pandemia significa saber que temos um vasto repertório epistemológico, técnico, afetivo e psicanalítico legado das tradições Afro-religiosas que nos coloca, nós, mulheres negras, particularmente, com as mãos cheias de ferramentas para lidar com qualquer travessia. No que segue, alguns traços dessa “memória” política negra.

Feitiço n.4: Cadê o meu fio de conta de Tobossi¹⁸?

(Manipular a “realidade” a partir dos nossos próprios termos)

Há uma série de elaborações diretas e outras mais indiretas que tratam da presença de intelectuais professoras e professores negras e negros nos espaços de educação formal, em todos os níveis, que tentam delimitar um conjunto de elementos que nos caracterizaria em nossas ações. A reflexão sobre como estamos fazendo uma luta política que se mostra anti-racista dentro de escolas e universidades é parte constitutiva do pensamento negro aqui e em vários pontos da diáspora africana. Em 1981, o Movimento Negro Unificado (MNU) organiza o primeiro grupo de trabalho sobre

¹⁷ As informações dos números da Covid-19 foram encontradas no site do consórcio de veículos da mídia. Foi consultado em 21 de julho de 2020.

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/21/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-21-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>

¹⁸ Tobossi é um Vodum que é a água doce, ela é o rio.

educação chamado de Grupo de Trabalho Robson da Luz (Silva, 2017). Desse grupo faziam parte o poeta Jônatas Conceição, Gildália Anjos e Menezes e Ana Célia Silva, todos fundadores do GT e também do MNU. Ana Célia Silva é uma militante e intelectual de Salvador, professora aposentada da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e uma personagem importantíssima na história política negra no Brasil. A partir do Grupo de Trabalho Robson da Luz, Ana Célia Silva inicia um debate crítico de vanguarda que foi feito dentro e fora da universidade a respeito da necessidade de influir nos currículos oficiais das escolas de ensino fundamental, e ao mesmo tempo, nas produção de novas metodologias para a formação de professores atentos e preparados para compreender os mecanismos de reprodução de estereótipos e preconceito racial nos conteúdos dos livros didáticos.

O movimento negro nos forma enquanto nos o formamos. A partir de 1970, a professora Ana Célia Silva começa a lecionar no Ensino médio, no Centro Integrado Anísio Teixeira, em 1978 ela está na frente que fundou o MNU. O ano de 1981 marcou o início das atividades do GT Robson da Luz e a sua militância direta nas escolas pelo ensino da história e cultura da África e da população afro-brasileira. Em razão dessa vida intensa de mobilização política e de criação de pedagogias comprometidas com a pauta anti-racista em suas mais variadas dimensões, Ana Célia ingressa no curso de mestrado em 1984, na tradicional Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sua dissertação de mestrado inaugura um campo de pesquisa na área da produção dos livros didáticos e da reprodução histórica do racismo e da discriminação racial nestes meios. A dissertação *o estereótipo e o preconceito em relação ao negro no livro didático de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível 1* é publicada pela Editora da UFBA (Edufba), com o título que ficou bastante conhecido *A discriminação do negro no livro didático*. No início dos anos 2000, Ana Célia Silva defende a tese de doutorado, também publicada pela Edufba, em 2011: *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*.

Em 2001, a intelectual e ativista Ana Célia começa a sua trajetória como professora adjunta no Departamento de Educação da UNEB, e segue participando e organizando as ações do MNU. Esse caminho profícuo no interior do movimento social negro, leva a um processo de longo prazo de intervenção política na educação do país,

o que vai marcar uma geração de outras ativistas e intelectuais negras que estão dentro do sistema de ensino, desde os anos iniciais até os programas de pós-graduação. Com uma produção escrita que reúne mais de uma centena de artigos acadêmicos, artigos para jornais, revistas, boletins informativos do MNU, livros, ensaios e poesia, Ana Célia Silva esteve envolvida com a formulação de políticas públicas de educação no Brasil e no estado da Bahia.

Em frentes como a constituição e criação da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, no Terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá, que fica em Salvador, São Gonçalo do Retiro, no Bairro do Cabula, podemos acompanhar a força transformadora da intelectual negra que em total compromisso com a sua comunidade, ergue edifícios, cria teorias e metodologias, propõe pedagogias e traz para a cena do seu cotidiano de ativismo uma pluralidade de epistemologias. Ana Célia ensina, coloca o que sabe no chão do terreiro, que é a sala de aula, testa e aprende com todas que estão ao seu redor, mais velhas e mais novas, o que há de conhecimentos sobre o mundo, por isso, são dezenas de projetos de pesquisa, de orientações de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e tese, participação em bancas e comitês científicos. No decorrer de suas atividades como docente atuando no ensino médio e na universidade que alcançou 35 anos em 2008, Ana Célia Silva seguiu manipulando a realidade racista do país, fraturando sistematicamente os esquemas de reprodução das “imagens de controle” (Collins, 1990), cujo conteúdo re-configura a imagem corpo negro de modo a deixá-lo inerte, preso, subjugado à modelos de representação que ativamente impõe fungibilidade (Hartman, 1997) ao que podemos chamar de sua “existência”.

These controlling images are designed to make racism, sexism, poverty, and other forms of social injustice appear to be natural, normal, and inevitable parts of everyday life. (...) African-American women’s status as outsiders becomes the point from which other groups define their normality. (...) As the “others” of society who can never really belong, strangers threaten the moral and social order. But they are simultaneously essential for its survival because those individuals who stand at the margins of society clarify its boundaries. African-American women, by not belonging, emphasise the significance of belonging. (Collins, 1990, p. 77)

A trajetória de Ana Célia Silva nos apresenta um belo caso em que uma certa ciência política preta (Alexander, 2006; Collins, 1990; Hartman, 1997; James, 2013; Robinson, 1983; Shakur, 2020;) volta a atenção para os nossos próprios termos neste

debate, ou seja, para o que nós, pessoas negras no mundo, especialmente da diáspora “Amefricana” (Gonzalez, 1988), estamos realizando com os nossos repertórios. Num trabalho recente de tese de doutoramento, eu apresentei algumas estratégias analíticas para descrever um conjunto de elementos presentes no fazer “político” de mulheres negras, sobretudo aquelas que estão atravessando os campos da vida política dos movimentos sociais e da universidade como docentes e pesquisadoras (Ramos, 2019). Entre estas ferramentas, eu tomei emprestado um conjunto de noções presentes na comunidade tradicional de Terreiro de Candomblé de nação Jeje-Mahi, especialmente aquele praticado no Zòògodò Bogun Malè Hùndo, do Engenho Velho da Federação, em Salvador.

Neste repertório de comunidade tradicional de Terreiro, há uma definição para um determinado Exu¹⁹ que faz parte do universo cosmológico de algumas nações como o Jeje-Mahi que trata de *Lalu* como a divindade responsável por, dentre outras ações, “tomar conta da porteira” para que ninguém ou energia indesejada possa ter acesso. E, esse “guardião da porteira” mantém o nosso trabalho “da porta pra dentro”, absolutamente protegido. Nós podemos trabalhar no sentido ampliado dessa categoria, considerando o “trabalho espiritual” aqui (Alexander, 2005), completamente seguros de intervenções ou atravessamentos que poderiam nos atrapalhar enquanto cuidamos da nossa comunidade.

O que temos é o seguinte esquema, a atuação de Ana Célia Silva se aproxima da trajetória de Beatriz Nascimento, e de outras intelectuais negras que no Brasil abriram e protegem as portas e porteiras para que nós, as mais novas, possamos entrar para fazer os nossos feitiços. Portanto, há aí uma pedagogia do sagrado que se traduz numa atuação no mundo que carrega a densidade mítico-política que pode ser devidamente traduzida como a energia do Exu *Lalu*.

I am defending that these personal lived stories represent the sacred pedagogies of three different Exus named: *Lalu*, *Gelu* and *Brakelu*. *Lalu* is responsible for taking care of the doors. Professor Beatriz Nascimento’s work as scholar and activist has to do with this energy that is able to build an entire house, and still stay attentive to the door in order to protect us in our work; so that nobody will be allowed into our classrooms unless under our authorization. *Gelu* is

¹⁹ Exu é um Orixá do panteão nagô, reconhecido como responsável pela comunicação entre humanos e divindades; entre humanos e humanos e divindades e divindades. Exu é o mensageiro, o dono dos trânsitos e dos caminhos. Sabe-se que Exu é aquela/le que mora nas encruzilhadas.

responsible for maintaining the door closed so we have the opportunity to work protected and creatively to, quoting Alexander: “[make] the world in which we live intelligible to ourselves and to each other” (2005,6). (Ramos, 2019, p.175)

A trajetória dentro da universidade pública de Ana Célia Silva, a maneira com foi pensada e vivida se aproxima de um modelo que implicou um nível considerável de coragem para literalmente “quebrar” - como *Brakelu* - ou deslocar a abertura da porta que não nos dava assentos dentro destas instituições de ensino superior, ao menos da maneira como vai acontecer depois da instituição das chamadas cotas raciais nos processos de entrada de estudantes de graduação, de pós-graduação e mesmo de docentes e do quadro técnico da universidade²⁰. Os efeitos disso são simultâneos, e Ana Célia Silva entrou na estrutura e segurou as “portas abertas”; formou gerações de intelectuais negras e negros na Bahia, aqui “tomou conta da porta” como *Lalu*, que foram pavimentando ainda mais estradas para o nosso acesso, permanência, e em muitos outros casos, para a nossa entrada como docentes dentro de uma estrutura brancocêntrica, que antes parecia quase que completamente fora dos nossos horizontes profissionais. Tem uma atuação de fraturamento de um esquema racista, alimentado profundamente por dinâmicas sexistas e de classe, um reordenamento dos interesses em favor de manter as “portas” abertas e cada vez mais reconfiguradas, além de uma sistemática de “proteção” e “cuidados” com o nosso trabalho, e com as nossas produções dentro destes espaços.

Um modelo de política negra de mulheres (Trans e Cis) intelectuais que toma também a universidade pública brasileira como espaço onde se intervém diretamente, e a partir do qual se manipula (a nosso favor) outras dimensões da vida social, pode ser descrito com mais detalhes na perspectiva do modelo *Brakelu-Lalu-Gelu*. Esse modelo apresenta mais do que um conjunto de boas metáforas e outras imagens que nos animam a criatividade analítica, o que ele nos apresenta são pistas de como uma política do tipo *Feitiço* engendra alterações em nossas vidas a partir de uma perspectiva que produz distúrbio na política hegemônica racista ao longo de uma temporalidade que pode

²⁰Para estas questões ver Sales Augusto dos Santos (2005, 2014); Carla Ramos (2005).

entrecruzar dimensões lineares em um arranjo de outro tipo, como no caso do itan²¹ de Exu segundo o qual ele acerta um pássaro ontem, com uma pedra que atirou hoje. Neste caso simples, o “presente” se dobra para o “ontem”, mas esta “pedra” poderia cruzar pelo caminho entre estes referenciais, e tocar o “futuro”. Dentro disso, Ana Célia Silva empreendendo a sua polícia negra transgride as limitações de um tempo linear, atinge pontos distintos, e porque não, simultâneos de passado, futuro e presente, e inclui um fator de “lasting”, duração, ou melhor de reverberação através das ações-Feitiço que deixa no mundo. Sendo assim, essa política de mulheres negras não se compreende com qualquer ideia de “início” ou “final”, o som da reverberação de dar em qualquer tempo ou espaço. Por isso é *Feitiço* ininterrupto.

Feitiço n.5 - Hoje eu vesti o meu fio de conta de Azansu²² (Conclusão)

Este artigo tratou de trazer alguns pontos para animar o debate a respeito da presença de mulheres intelectuais negras nos espaços da universidade pública, particularmente para as que atuam como professoras e pesquisadoras, neste momento em que a pandemia da Covid-19 trouxe mudanças profundas no contexto social, político e econômico em todo o mundo. Por isso, o texto apresenta alguns pontos de uma conjuntura, que diz respeito ao meu trabalho como professora e coordenadora do curso de graduação em antropologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que tem sede na cidade de Santarém, no Pará. Ao mesmo tempo, mas em outra escala, eu faço o exercício de localizar que as nossas trajetórias como intelectuais negras na universidade têm sido informada e cuidadosamente encaminhadas por ações políticas de reverberação de longa duração, e cuja temporalidade não obedece a qualquer linearidade, que eu identifico no artigo como produzida pela tecnologia do *Feitiço*. Para refletir sobre como estrategicamente colocamos os nossos passos por este ou aquele caminho, e sobre o sentido dos movimentos que empreendemos, eu indiquei como modelo possível de análise do tipo de “política” que realizamos baseado no esquema *Brakelu-Lalu-Gelu*.

²¹ Os assim chamados *Itan* constituem um conjunto de mitos e histórias que compõem o universo cosmológico e cosmogônico lorubano.

²² Azansu é o Vodum dono do mundo.

A pandemia do Covid-19 nos jogou num ambiente inédito e até certo ponto desconhecido causado sobretudo pela falta de “expertise” para lidar com os seus efeitos sanitários, sociopolíticos e econômicos. Em situações espetaculares como esta, as soluções ou proposições deveriam apontar para um ambiente “criativo”, inusitado e inovador, mas o que se revela a cada dia é a tentativa ávida por proteger o instituto das desigualdades que é ancorado no racismo estrutural. Aliás, um elemento “novo” neste momento, é justamente a fratura que o vocabulário político da nossa agenda negra anti-racista tem produzido no cerne do pensamento brancocêntrico brasileiro. Não é possível entender e “combater” os efeitos perversos da necropolítica²³ secular brasileira sem o repertório “epistemológico preto”, que gerações insubmissas de intelectuais negras e negros têm colocado no mundo. O *Feitiço* já foi feito, e está reverberando.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, M. Jacqui. **Pedagogies of Crossing: Meditations on feminism, sexual politics, memory, and the sacred.** Duke University Press, 2006.
- CARINA, Ana Almeida et al. O impacto da colonização e imigração no Brasil meridional: contágios, doenças e ecologia humana dos povos indígenas. **Tempos Acadêmicos**, n. 6, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** routledge, 1990.
- CRUZ, Eliana Alves. **Água de Barrela.** Fundação Cultural Palmares, Ministério da Cultura, Brasil Governo Federal, 2016.
- DAVIES, Carole Boyce. **Caribbean Spaces: Escapes from Twilight Zone.** University of Illinois Press, 2013.
- GLISSANT, Édouard. **Poetics of relation.** University of Michigan Press, 1997.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. **Tempo brasileiro**, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.
- HARTMAN, Saidiya V. et al. **Scenes of subjection: Terror, slavery, and self-making in nineteenth-century America.** Oxford University Press on Demand, 1997.

²³ O conceito de “necropolítica” como definido nos trabalhos de Achille Mbembe (2019).

- JAMES, Joy. **Seeking the beloved community: A feminist race reader.** SUNY Press, 2013.
- JAMES, Joy; FARMER, Ruth. **Spirit, Space & Survival: African American Women in (White) Academe.** Routledge, 1993.
- MBEMBE, Achille. **Necropolitics.** Duke University Press, 2019.
- MOURA, Beatriz Martins; RAMOS, Carla. Saberes Tradicionais de Terreiro: Epistemologias, Pedagogias e Possíveis Diálogos com a Universidade. **Revista Calunduvol**, v. 1, n. 2, 2017.
- PERRY, Keisha-Khan Y. **Black women against the land grab: The fight for racial justice in Brazil.** U of Minnesota Press, 2013.
- RAMOS, Carla. **Notícias de um Levante Black Women Scholars in Brazil: Feitiço, Insubmissão, Etno(Orí)grafia and Critical Intervention in the University.** Tese de Doutorado. Universidade do Texas, Austin, 2019.
- ROBINSON, Cedric J. **Black Marxism: The making of the Black radical tradition.** Univ of North Carolina Press, 2000.
- _____. **The Terms of Order.** UNC Press, 2016.
- ROCHA, Luciane O. Black women's narratives of genocide in urban Rio de Janeiro. 2011.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações.** Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.
- SANTOS, Sales Augusto. Affirmative action and political dispute in today's Brazilian academe. **Latin American Perspectives**, v. 41, n. 5, p. 141-156, 2014.
- SANTOS, Sonia Beatriz. Feminismo negro diaspórico. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, 2007.
- SHAKUR, Assata. **Assata: an autobiography.** Chicago Review Press, 2020.
- SILVA, Ana Célia da. **Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei n. 10.639/03.** Salvador: Hetera, 2017.
- SMITH, Christen A. **Afro-paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil.** University of Illinois Press, 2016.
- SOARES, Maria Andrea dos Santos. **Akobén: performance, politics and foundational narratives of Blackness.** 2015. Tese de Doutorado. The University of Texas (Austin).
- TINSLEY, Omise'eke Natasha. **Ezili's mirrors: Imagining Black queer genders.** Duke University Press, 2018.

WERNECK, Jurema. “Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o racismo e o sexismo.” **Mulheres negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Criola, 2014.